

# REVISTA 4

CEPIHS

Setembro 2014



Torre de Moncorvo

Centro de Estudos e Promoção  
da Investigação Histórica e Social  
Trás-os-Montes e Alto Douro

Ficha Técnica

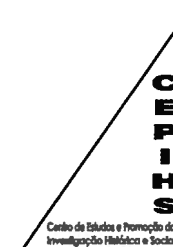
Diretora	Adília Fernandes
Conselho de Redação	Adília Fernandes, Ana Rita Carqueja Rodrigues, Maria Otília Pereira Lage, Odete Paiva
Conselho Editorial	Adília Fernandes, Adriano Moreira, Adriano Vasco Rodrigues, Ana Leonor Pereira, Aniceto Afonso, Carina Thibieroz, Carlos Branco, Carlos Sambade, César Urbino Rodrigues, Fernando Carvalho, Fina d'Armada, François Escarras, Guilhermina Mota, João Rui Pita, José Luís Lima Garcia, José Morgado Pereira, Joshua Benoliel Ruah, Manuel Correia, Maria de Fátima Nunes, Maria Otília Pereira Lage, Norberto Ferreira da Cunha, Odete Paiva, Raul Berenguel, Sandra Abelha
Conselho Científico	Adriano Vasco Rodrigues, Fernando Machado, Fernando de Sousa, José Marques, José Viriato Capela, Maria Norberta Amorim, Norberto Ferreira da Cunha
Propriedade	CEPIHS – Centro de Estudos e Promoção da Investigação Histórica e Social Trás-os-Montes e Alto Douro
Edição	Palimage
Direção gráfica e Capa	Isabel Caldeira. Capa sobre fotografia da coleção da Casa Benoliel, cedida por José Lima Garcia e sobre fotografia de Ambrósio Artur Janeiro, cedida por familiares.
Fotocomposição	Bruno Maurício (outlayer@gmail.com)
Apoio	CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar – Cultura, Espaço e Memória – UM); Cordeiros Galeria; Direção Regional de Cultura do Norte; Município de Torre de Moncorvo
Contactos	CEPIHS – Centro de Estudos e Promoção da Investigação Histórica e Social 961833810; e-mail: cepihs@gmail.com Terra Ocre - edições Apartado 10032 3031-601 Coimbra Tel. / Fax 239 087 720 e-mail: palimage@palimage.pt site: www.palimage.pt
ISSN	2182-0252
Depósito legal	322287/11
Data de edição	Setembro de 2014
Impressão	Papelmunde – V. N. Famalicão

Nota – A opção pelo uso, ou não, do novo acordo ortográfico, assim como o conteúdo dos artigos publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# Revista CEPIHS

4

Direção  
Adília Fernandes



**Palimage**  
*A Imagem e A Palavra*

Maria de Fátima Nunes\* e Sandra Abelha\*\*

**Resumo** – Pretendemos, neste ensaio, cruzar a cronologia das Guerras Mundiais com a importância científica e cultural das colónias portuguesas, sobretudo, as de África. Seguimos, para tal, as ligações entre Congressos, Ciência e Colónias decorrentes de encontros internacionais, que tiveram como palco a sociedade portuguesa. Sob este prisma, a cidade do Porto, em 1834, apresenta-se como laboratório de observação, por excelência, como resultado dos relevantes encontros que aqui, então, tiveram lugar. Permite-nos, entender, na longa duração, a emergência de saberes e de novas áreas disciplinares que potenciaram a exploração científica e política das colónias.

**Palavras-chave** – Congressos; Ciência; Colónias; Portugal.

**Abstract** – It is our intention, with this essay, to cross the chronology of the World Wars with the scientific and cultural importance of the Portuguese colonies, especially those of Africa. We therefore follow the connections among Conventions, Science and Colonies resulting from international meetings, in which the Portuguese society set stage. Under this perspective, the city of Porto, in 1834, presents itself as a laboratory of observation, par excellence, as a result of the relevant meetings that took place, there, at the time. It allows us to understand, in the long run, the rising of knowledge and new fields of study that enabled the scientific and political exploration of the colonies.

**Keywords** – Conventions; Science; Colonies; Portugal.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no âmbito do projeto com a referência PEst-OE/HIS/UI613/2014. Queremos agradecer à bolsista PEst-OE/HIS/UI613/2014, Ana Rita Saldanha, as informações sobre o XII Congresso Internacional de Zoologia, Lisboa, 1935.

\* Professora catedrática da Universidade de Évora; CEHFCi. IHC. mfn@uevora.pt

\*\* Bolsista de Investigação PEst-OE/HIS/UI613/2014; CEHFCi. IHC

### Os três C's – congressos, ciência, colónias

O ano de 2014 marca o início da nova agenda historiográfica da História global: a I Grande Guerra. Memórias de aprendizagem e manuais de ensino centraram o palco da Guerra na Europa. É em torno dos campos de batalha de França que se tecem as memórias de família e de páginas historiográficas cristalizadas por cem anos de registos memoriais e memorialísticos. Porém, lembrar cientificamente o fenómeno global *Guerra*, a partir de redes de investigação internacionais, fez alterar estas e romper horizontes que estavam adormecidos ou esquecidos na oficina do historiador europeu. Em Julho de 2014, realizou-se na Universidade Nova de Lisboa, *The Great War in Africa Conference 2014*<sup>2</sup>, uma ação do Instituto de História Contemporânea (IHC). Sinal claro do novo ritmo e de novas abordagens que a historiografia dos tempos da globalização vai configurando. É neste contexto de agendas inovadoras que apresentamos a síntese de resultados obtidos na unidade de investigação CEHFCi<sup>3</sup>, em estreita colaboração com as bolsas de iniciação de investigação (BIIC-FCT). Pretendemos seguir o tópico *Ciência e Colónias* na dinâmica instrumental de congressos científicos internacionais, que tiveram como palco a sociedade portuguesa, de forma a podermos cruzar a cronologia de Guerra Mundial (Primeira e Segunda Guerras) com a importância científica das colónias portuguesas, sobretudo, sob o signo de África na dinâmica de práticas científicas e culturais.

Em ano de comemoração do Centenário de Camões, 1880, uma parte de uma Europa científica marcou encontro em Lisboa, no IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Congresso inserido na rede internacional *The Great War in Africa Association*: <http://:gwaa.com>.

<sup>3</sup> Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência. A partir de 2015, Grupo Ciência da Universidade de Évora do IHC. Designação de afiliação: *IHC, Grupo CEHFCi da U. Évora - Ciência, Estudos de História e Filosofia de Cultura Científica*.

<sup>4</sup> Ana C. N. Martins, “Estudos pré-históricos e nacionalismo: uma perspectiva possidoniária”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 1, 2001, pp. 61-93 e José Luís Brandão Luz, “A etnologia e a questão das identidades nacionais”, in P. Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português – O Século XIX*, vol. IV, tomo 1, Lisboa, Editorial Caminho, 2004, pp. 389-432.

Em fase de euforia de nacionalismo, de cientismo e de colonialismo, este congresso deixou marcas numa Europa que se havia reunido, pouco tempo antes, no Congresso de Berlim (1884-1885). As comemorações científicas de Camões, protagonizados pelo caldo cultural do republicanismo – influenciado pelo progresso científico internacional – marcaram as cidades de Lisboa, do Porto e de Coimbra, espaços urbanos que conhecerão outros congressos científicos que permitem acompanhar o papel que a comunidade científica teve na valorização e demonstração da importância das colónias para o Estado português, sob a configuração de Monarquia, República e Estado Novo. Uma trilogia de experimentação em torno dos três C's axiais: *Congressos, Ciência, Colónias*.

Numa série de longa duração de organização de congressos, entre o final do século XIX e a II Grande Guerra, Portugal conseguiu ser parte ativa da organização e protagonista do evento. O roteiro congressista internacional pautou-se por temáticas centradas na Antropologia (1880 e 1930), na Medicina (1906 e 1933), na Zoologia (1935), nas Ciências Naturais (1941) e até na História Internacional da Ciência (1934). Este último, conjugando-se com várias iniciativas científicas coloniais, a partir da Escola de Antropologia do Porto, coordenada por Mendes Correia<sup>5</sup>, compreendeu o território de África através do programa científico e social, tendo tido cobertura nacional e internacional. A Sociedade de Geografia de Lisboa foi um dos polos de dinamização de atos de abertura e de encerramento, sempre que a capital do Império recebia congressistas internacionais.

### Portugal – 1941 – Lisboa

Relembramos Marc Bloch e façamos uso da metodologia de análise do “método regressivo”, páginas marcantes de Introdução à História,

<sup>5</sup> Patrícia Carla Valente Ferraz de Matos, *Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto: Contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX)*. Dissertação de Doutoramento em Ciências Sociais – Especialidade Antropologia Social e Cultural, Lisboa, Universidade de Lisboa. 2012.

em versão portuguesa. Começamos pelo espírito envolvente da Europa em guerra e de Portugal na (boa) ressaca científica das comemorações nacionalistas de 1940. Na abertura do I Congresso Nacional de Ciências Naturais, na Faculdade de Ciências de Lisboa, no espaço da antiga Escola Politécnica de Lisboa, Celestino da Costa afirmou: “Estes admiráveis instrumentos de intercâmbio científico que são os congressos”<sup>6</sup>. Um conceito operatório que nos permite entender que congressos científicos são instrumentos, com regras de periodicidade de parlamentos científicos – nacionais e internacionais – que deambulam periodicamente, que definem agendas, nomenclaturas, áreas de interesse vitais para a ciência em contextos de globalização<sup>7</sup>. Seguir estes itinerários é como percorrer uma viagem aberta à construção do saber, inserindo o mundo colonial português.

Voltemos, regressivamente, a Lisboa, a 1941, ao designado I Congresso Nacional de Ciências Naturais, mas cuja estrutura e dinâmica científica incorporava o modelo dos fóruns internacionais. Teve como referente cosmopolita e internacional o XV Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa, em 1906, polarizado por Miguel Bombarda e Ricardo Jorge, e que introduziu, pela primeira vez, a nomenclatura de Medicina Tropical.

Em 1941, coube à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, com apoio do Instituto para a Alta Cultura (IAC), levar a cabo este parlamento científico. O congresso retratou as instituições técnico-científicas em funcionamento em Portugal, num cômputo final de cento e dezasseis instituições que o apoiaram e enquadraram: Liceus, Universidades, Serviços Geológicos, Florestais e Pecuários; Museus; Instituto Bacteriológico, de Malariologia, de Zootecnia, de Oncologia, de Arqueologia, de Criminologia, Rocha Cabral; Estação Agronómica e Frutícola;

<sup>6</sup> Celestino da Costa, “Intercâmbio Científico”, in *I Congresso Nacional de Ciências Naturais. Actas – II Parte: Sessões Plenárias – Relatórios, 1941*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, 1942, p. 10.

<sup>7</sup> Parlamentos de Ciência, ou *urban meeting points*, correspondem às cidades com visível capacidade para captar ambientes culturais, intelectuais, políticos e, seguramente, científicos no seu espaço e tempo de realização. Cf. L. Miskell, *Meeting Places: scientific congresses and urban identity in Victorian Britain*, Farnham, Ashgate, 2013.

Juntas nacionais, Missões Geográficas e Investigações Coloniais; Sociedades Científicas. Lendo as várias centenas de páginas dos relatórios e das atas, facilmente se entende que o Império Colonial Português funcionou como um laboratório de debate de política científica, como se devesse complementar o exercício ideológico e comemorativo da Exposição do Mundo Português de 1940<sup>8</sup>.

As decisões finais do congresso ratificaram as linhas gerais de propostas de macro e micro políticas científicas: a intensificação e internacionalização da investigação, com particular destaque para a necessidade de se efetivar a ocupação científica do Império.

Recorreu-se à memória científica existente, procuraram-se referentes nas práticas culturais, nas organizativas, no turismo científico e nas itinerâncias urbanas de Congressos Científicos Internacionais, ocorridos no passado, em território português – espaço europeu ou espaço colonial, como em Luanda, em 1923 (I Congresso Internacional de Medicina Tropical) e em Lourenço Marques, em 1938 (I Congresso Médico de Lourenço Marques). Podemos ver, neste deambular de temas coloniais, o papel que a proposta de criação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, no XV Congresso Internacional de Medicina de 1906, viria a ter no impacto científico. Sob o rótulo NATUREZA, faria inserir a investigação científica, que pudesse contemplar as colónias portuguesas e as suas potencialidades, no espírito da *new natural history*, no início do século XX, em contexto de nacionalismos internacionais e necessidade de evidenciar territórios para a prática desta “nova história natural”<sup>9</sup>. Tópico que nos aproxima, afinal, da agenda de I Grande Guerra e território de África!

Continuando o périplo regressivo. Os vínculos entre o XII Congresso Internacional de Zoologia, realizado em Lisboa em 1935, e o I Congresso Nacional de Ciências Naturais são próximos e evidentes. Os organiza-

<sup>8</sup> Cf. *Congresso do Mundo Português*, Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa, Tipografia Otosgráfica, 1940.

<sup>9</sup> Quintino Lopes, “Congressos Científicos: A Junta de Educação Nacional (JEN) e as Redes Internacionais de Comunicação em Ciência”, in Augusto Fitas et. al. (coord.), *A Actividade da Junta de Educação Nacional* Lisboa, Ed. Caleidoscópio/CEHFCi, 2012, pp. 149-175.

dores, e muitos dos congressistas portugueses, participaram em ambos. As comunicações apresentadas por estes ofereciam inúmeras semelhanças, uma vez que a maioria das apresentações do I Congresso Nacional de Ciências da Natureza se centrava na Zoologia. Devemos aqui referir que os Congressos Internacionais de Zoologia já contavam com sua própria tradição, desde o primeiro, organizado pela Société Zoologique de France, durante a Exposição Universal de 1889.

O convite do Governo Português, para que o XII Congresso Internacional de Zoologia se realizasse em Lisboa, teria sido aceite por unanimidade no XI Congresso de Pádua e a sua presidência caberia a Arthur Ricardo Jorge (1886-1972), figura destacada das Ciências Naturais em Portugal, professor da Faculdade de Ciências de Lisboa e diretor da Secção Zoológica e Antropológica (Museu Bocage) do Museu Nacional de História Natural. Filho do conhecido médico Ricardo Jorge (1858-1939)<sup>10</sup>, Arthur Ricardo Jorge, que foi ministro da Instrução Pública, de 19 de Junho a 22 de Novembro de 1926, já havia participado no X Congresso reunido em Budapeste, em 1927, e participaria, regularmente, nesses congressos até ao XV, em Londres, em 1958. A secretaria-geral do XII Congresso coube a Fernando Frade, também professor de Zoologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e naturalista e zoólogo do Museu de História Natural de Lisboa, que integrava a *Commission Internationale Permanente de la Zoologie Appliquée*, instituída, em 1927, pelo Congresso de Budapeste.

Este XII Congresso Internacional de Zoologia galvanizou o Museu de História Natural e fez colocar sobre o debate temas coloniais, nomeadamente, a organização de coleções zoológicas africanas a partir do trabalho dos naturalistas do Museu Nacional de História Natural de Lisboa, dirigido por Artur Ricardo Jorge, também naturalista<sup>11</sup> (Lopes, 2012).

<sup>10</sup> Médico e professor universitário, organizador dos Serviços de Saúde e Higiene do Porto, inspector-geral de saúde pública do país, incentivador das reformas modernizadoras dos serviços sanitários, Ricardo Jorge foi um dos responsáveis pela criação do Instituto Central de Higiene de Portugal (1899). Ver, entre diversos trabalhos sobre ele, Jorge Fernandes Alves, “Ricardo Jorge e a Saúde Pública em Portugal – Um Apostolado Sanitário”, in *Arq Med*, vol. 22, números 2-3, Porto, AEFMUP, Henrique Barros Ed., 2008, pp. 85-90.

<sup>11</sup> Quintino Lopes, “Congressos Científicos: A Junta de Educação Nacional (JEN) e as Redes Internacionais de Comunicação em Ciência”, *op. cit.*

## Atores sociais dos Congressos. Por uma anatomia dos parlamentos científicos

Cada congresso tem sempre um programa estruturado – com os respectivos *comptes rendus* – acompanhado de um amplo corolário de atividades culturais, sociais, políticas e de um capital simbólico que se projeta para um universo informativo, especializado e genérico<sup>12</sup>. A realização de congressos científicos internacionais em Portugal – metropolitano ou colonial – pode assumir um significado de relevância política e ideológica, quer para a configuração do Estado, quer para a comunidade científica que foi capaz de negociar a sua realização para o espaço nacional. O programa científico de um congresso é habitualmente completado pelo programa social, pautado pelos discursos oficiais de abertura e de encerramento, visitas guiadas, excursões científicas a sítios ou museus, receções formais em espaços de consagração da identidade científica, cultural e ideológica de quem recebe os visitantes, como o Salão Nobre de uma Universidade, a Sala de Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, ou os Paços do Concelho dos municípios de Lisboa, de Coimbra ou do Porto. Com impacto psicológico sobre os congressistas e acompanhantes, é, também, peça jornalística e fotográfica por excelência, que se propaga pelas páginas dos jornais informativos e pela imprensa cultural e científica.

Os congressos podem, assim, valorizar, conjunturalmente, a importância de Portugal, por exemplo, como um império colonial<sup>13</sup>. Vejamos o caso de 1906, o XV Congresso Internacional de Medicina, em que a Sala de Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa foi o espaço agregador de uma multidão composta pela *entourage* da elite científica médica

<sup>12</sup> Para o nosso estudo exploratório tomámos como estudo de caso o XV Congresso Internacional de Medicina, Lisboa, 1906; o Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental, Luanda, 1923; o III Congresso Internacional de História da Ciência, Porto, Coimbra, Lisboa, 1934. Ver nas referências bibliográficas o material usado para este artigo.

<sup>13</sup> Cf. Madalena Esperança Pina e Maria de Fátima Nunes, “1906 e 1930 – Congressos Científicos na Imprensa: Análise Comparativa (working in progress)”, in Augusto Fitas *et al.* (coord.) *A Actividade da Junta de Educação Nacional*, Lisboa: Ed. Caleidoscópio/CEH-FCi, 2012, pp. 133 - 147

presente em Lisboa para esse evento<sup>14</sup>. Fotógrafos, jornalistas nacionais e internacionais, publicações de sociedades médicas, revistas sociais e de divulgação cultural fizeram a cobertura do evento. Da homenagem a Miguel Bombarda, impulsor do evento<sup>15</sup>, à exibição de sequências fotográficas e musicais sobre a amplitude geográfica e cultural do território do Estado português, patenteou-se o mosaico do espaço europeu cruzado com os espaços exóticos, distantes mas portugueses, das colónias espalhadas pelo Mundo<sup>16</sup>. Assim, foi possível tecer, num mesmo congresso, a temática colónias e África, na vertente da medicina colonial e tropical, secções que marcavam o tempo da modernidade científica, com a organização da *soirée* social na Sala de Portugal da Sociedade de Geografia, aspeto que demonstra a construção de uma identidade cultural e científica.

Um sinal claro de existir um colonialismo científico a aplicar a África, é já o Congresso Colonial Nacional, de 1900<sup>17</sup>. Em 1923, a Europa colonial e a comunidade médica transportaram para Luanda as atenções da comunidade científica, com a organização do Primeiro Congresso Internacional de Medicina Tropical, com programa e discursos oficiais em português, em francês e em inglês<sup>18</sup>. Um acontecimento excecional

<sup>14</sup> Cf. *XV Congrès International de Médecine – Programme (1906)*, Lisboa, 1906.

<sup>15</sup> Ver *XV Congrès International de Médecine (1906) – Relatório de 1907* – publicação que faz eco da homenagem pública a Miguel Bombarda, organizada pela comunidade médica, agradecimento pela capacidade organizativa do XV Congresso Internacional de Medicina.

<sup>16</sup> Cf. Sociedade de Geografia, *Programa social da soirée organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, para o XV Congresso Internacional de Medicina*, 1906.

<sup>17</sup> Ver Sociedade de Geografia, 1900. Um conjunto de teses justificativas da importância da retórica científica para a prática colonial no grande laboratório de experimentações que podia ser o continente africano, sobretudo no campo dos temas médicos. Nesta organização de teses encontram-se temas como o dos climas de África em comparação com Brasil, a meteorologia nas colónias, a climatologia, a geografia médica, a demografia, a etnologia, a etnografia. Uma preocupação que vamos continuar a encontrar em 1919. Ver *Sociedade de Geografia de Lisboa 1919 (1920)*, um relatório que termina com o capítulo “*Medidas de Utilidade para as Colónias. Hospital Colonial*”, estabelecendo-se várias ligações entre a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, o Hospital Colonial, o Instituto Bacteriológico e as missões a Londres para estudar modelos a aplicar às Colónias.

<sup>18</sup> Aos objetivos científicos da Medicina Tropical juntavam-se os interesses histórico-coloniais associados ao melhoramento e progresso científico, sanitário e médico para o continente africano. Para uma visão global do Congresso – 8 sessões – consultar a *Revista Médica de Angola*, n.º 4, Agosto, 1923 – que consagrou um número especial à realização científica.

para Angola, do início da década de vinte do século XX. No discurso inaugural, o alto-comissário da República e governador-geral de Angola – General Norton de Matos – começou por apresentar desculpas institucionais, pelo facto de Luanda ainda não ter todas as condições de “civilização e de conforto” necessárias para reunir congressistas internacionais. Neste congresso excecional – em termos de localização e de época – o programa social, a cobertura nacional, colonial e jornalística, juntou-se aos debates científicos centrados no Estado e na Medicina Tropical: um programa de cientistas em ação para África e para Índia, onde se localizava a Escola de Medicina de Goa, sob coordenação científica de Indalêncio Froilano de Mello<sup>19</sup>, figura presente no Congresso de Luanda, em 1923. O I Congresso de Medicina Tropical, realizou-se em 1913, em Londres, ponto de partida para outros congressos de linguagem de Medicina Tropical e Malária: Cairo, (1928), Paris (1931), Amsterdão (1932). O de Luanda, de 1923, tem o mérito de ter sido o Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental.

Estamos, pois, na preparação de um tempo de excecional importância para entender políticas científicas europeias da década de trinta, num contexto da Europa entre guerras, um período particularmente importante para se desenharem políticas científicas que visavam, também, o espaço colonial português da época<sup>20</sup>. Recordemos o fio cronológico. Em 1930 ocorreu em Portugal o 13.º Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia; em 1934, o Congresso de Antropologia Colonial, no âmbito da Exposição Colonial, no Porto, tendo como figura paradigmática de um conjunto de ciências e de políticas científicas, a personalidade do cientista Mendes Correia. Na ressaca da sociabilidade científica, e de propaganda nacional em contexto de divulgação internacional destes eventos, protagonizados por Mendes Correia,

<sup>19</sup> Em 1923, apresenta-se como tenente-coronel médico, professor da Escola Médica de Nova Goa, diretor do gabinete de protozoologia e micologia do Instituto de Investigações Científicas de Luanda.

<sup>20</sup> Cf. Quintino Lopes, “Congressos Científicos: A Junta de Educação Nacional (JEN) e as Redes Internacionais de Comunicação em Ciência”, *op. cit.* e Maria Fernanda Rollo; Maria Inês Queiroz *et al.*, *Ciência, Cultura e Língua em Portugal no século XX*, Instituto Camões e Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012.

ocorre em Portugal o III Congresso Internacional de História da Ciência, contando com a presença de inúmeras personalidades de renome da jovem disciplina em tempo de afirmação profissional – História da Ciência – nomeadamente a figura de Georges Sarton<sup>21</sup>.

### Porto – o ano de 1934

Na Europa do período entre guerras, os congressos foram realizados no âmbito das Grandes Exposições Coloniais, muitas destas integradas em Grandes Exposições Internacionais, de forma a explorar toda uma dinâmica colonial e a construção de um imaginário, objetivo que já vinha desde a segunda metade do século XIX. Neste contexto, temos o caso de França e a sua Exposição Universal de Paris, de 1900, a Exposição Colonial de Antuérpia, em 1930, a Exposição Colonial de Paris, em 1931 e a realidade de Portugal: Congresso Colonial de 1901 e a Exposição Colonial Portuguesa em 1934<sup>22</sup>, realizada no Porto no Palácio de Cristal, espaço mítico da Exposição Industrial Internacional de 1865.

O Congresso Nacional de Antropologia e o III Congresso Internacional de História da Ciência formaram uma estratégia singular que resultou da assimilação entre práticas científicas e práticas culturais, nas quais *congressos, ciência e colonialismo* se entrelaçaram em diferentes ciclos e com várias configurações e plasticidades, visivelmente exibidas na Exposição Colonial do Porto<sup>23</sup>. A temática tornou-se importante pela confluência de membros da comunidade científica nacional e inter-

nacional e pelos diálogos de Antropologia e Arte, que fez emergir na divulgação do ciclo Antropologia vs. Ciências Coloniais. Registem-se os trabalhos de encomenda realizados por Almada Negreiros, Eduardo Malta e o fotógrafo Domingos Alvão. Todos conseguiram extrair do exotismo colonial matéria-prima para as suas obras, que se destinavam a percorrer um largo circuito informativo de divulgação da temática colonial, enquadrada por instrumentos de regulação científica – congressos –, desenvolvendo os imaginários coloniais. E se se tratava de um palco internacional, num período de Europa “entre guerras”, é compreensível que esta montra colonial, que inseria “amostras humanas” (reabilitando as experiências francesas), protagonizasse e simbolizasse, como “humana natura”, o capital internacional das colónias portuguesas. “Desde a indústria ao comércio, a exposição realçou todos os aspetos económicos, políticos e religiosos da ação colonizadora nacional, num largo panorama que se apresentava como inexcedível face aos impérios coloniais estrangeiros”<sup>24</sup>.

Assim, a I Exposição Colonial Portuguesa, de 1934, foi sem dúvida o marco crucial para o agendamento de outras realizações científicas, como o Congresso Internacional de Zoologia, em 1935, e o de História Natural, em 1941, ambos em Lisboa, referenciados na parte inicial deste ensaio. Nela se recriaram (reinventaram) os ambientes naturais das colónicas, com encenações etnográficas e disposições de coleções de objetos, de corpos, de artefactos e de patrimónios que possibilitassem leituras antropológicas – científicas, com uma perspetiva de futuro para as colónias de Cabo Verde, da Guiné, de Angola, de Moçambique, da Índia e de Timor<sup>25</sup>.

A I Exposição Colonial Portuguesa, sob a orquestração de Henrique Galvão, foi um evento a nível nacional com uma visão internacional. Ou seja, apesar de ter sido pensada e realizada para ser uma exposição que visasse dar a conhecer à população local a cultura e identidade das

<sup>21</sup> Cf. Madalena Esperança Pina e Maria de Fátima Nunes, “1906 e 1930 – Congressos Científicos na Imprensa: Análise Comparativa (working in progress)”, *op. cit.*, e Maria de Fátima Nunes, “Augusto da Silva Carvalho (1861-1957): História de Ciência e Práticas Culturais no século XX”, in *Transformações estruturais do campo cultural português (1900-1950)*, Coimbra, Ceis20, 2009, pp. 79-103.

<sup>22</sup> Cf. Carlos Barradas, “Pode ver, pode saber. A fotografia nos meados do colonialismo e pós-colonialismo”, in *Arquivos da Memória: Antropologia, Arte e Imagem*, números 5-6 (nova série), Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp. 72-9.

<sup>23</sup> Cf. *Boletim Geral das Colónias*, Ano X, n.º 109, de Junho de 1934, que cobre a “Exposição e a política colonial portuguesa” e ainda “Algumas palavras sobre a Exposição Colonial Portuguesa”, pp. 67-68; 154-148.

<sup>24</sup> Cf. Emília Tavares, “Quando o Rio Congo Submergiu a Acrópole”, in Vasco Araújo, *Botânica*, Lisboa, Sistema Solar (documenta) / MNAC-MC, 2014, p. 32.

<sup>25</sup> Cf. Luísa Marroni “Portugal não é um país pequeno – Lição de colonialismo da Exposição Colonial do Porto de 1934”, in *História*, IV série, vol. 3, Porto, FLUP, 2013, pp. 59-78.



colónias, também serviu como propaganda política por parte do governo de Oliveira Salazar, que queria mostrar que Portugal era tão ou mais importante que outros países europeus. Através desta exposição, iria então revelar a política estruturada que o Estado Novo pretendia desenvolver, pela afirmação social, económica e financeira estendida por todo o Império Colonial. Todavia, este fator não seria possível se não houvesse participação e/ou visita de intelectuais estrangeiros, que vieram comprovar a *mini cidade colonial portuguesa*, instalada nos jardins do Palácio de Cristal. Os congressos – nacionais e internacionais – cumpriam também esta função de polos de divulgação e de disseminação propagandística do Estado Novo, em 1934. E, neste ano – a caminho da comemoração dos X Anos da Revolução Nacional 1926-1936 –, todas as peças culturais e científicas deveriam encaixar no *puzzle* da sua política científica e da construção da imagem para contexto internacional. Uma estratégia na qual a Junta de Educação Nacional (1929-1936) (Nunes, 2013) e a realização de Congressos Científicos Internacionais – signo de longa duração na sociedade portuguesa – tinham um papel relevante na afirmação territorial e científica de Portugal, como um vasto império colonial que havia sobrevivido ao cenário de I Grande Guerra, em África, afirmação reforçada na Exposição do Mundo Português, em 1940<sup>26</sup>.

Neste extraordinário ano de 1934, conjugaram-se vários congressos de matriz científica com projeção de interesse colonial, como o Primeiro Congresso Militar Colonial<sup>27</sup>, o Congresso do Intercâmbio com as

Colónias<sup>28</sup> e o I Congresso de Ensino Colonial na Metrópole<sup>29</sup>. Este incidu na defesa do ensino colonial nos liceus para doutrinação política do Estado Novo sobre a (não) história da identidade e cultura dos povos “primitivos”, antropologicamente diferenciados dos padrões civilizações da Europa colonial.

As comunicações apresentadas pretendiam chamar a atenção para a proteção e a salvaguarda das possessões portuguesas em países estrangeiros, propondo-se alterações de programas disciplinares que deveriam plasmar realidades económicas da vida colonial. Esta matriz educativa ia a par com propostas de apetrechamento dos Liceus com Museus e Bibliotecas com livros e coleções específicos das colónias, e de excursões e viagens relacionadas com os temas que deviam fazer parte do currículo disciplinar dos alunos, para que o contacto direto fosse de facto concretizado<sup>30</sup>. Os postulados obtidos no congresso científico e os resumos apresentados ao mesmo, circulavam no *Boletim Geral das Colónias* em diferentes línguas: português, francês e inglês, numa clara manifestação da afirmação física de um território colonial português perante Estados – Nações da Europa, da década de trinta.

As questões científicas coloniais, após este ano de 1934, passaram a ser tratadas por um grupo especial da sociedade portuguesa, o braço científico da estrutura política e ideológica do Estado Novo. O Instituto da

<sup>26</sup> Cf. Pedro Alexandre de Barros Rito Nunes Nobre, *Belém e a Exposição do Mundo Português: Cidade, Urbanidade e Património Urbano*. Dissertação de Mestrado em Património Urbano. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, I vol., 2010.

<sup>27</sup> O 1.º Congresso Militar Colonial realizou-se em Julho de 1934, no Porto, constituindo o primeiro congresso científico que abre a Exposição Colonial Portuguesa, com a presença do General Norton de Matos. Cf. *Congresso Militar Colonial – Relato dos trabalhos realizados*, Porto, Imprensa Moderna, 1934; Norton de Matos, *A acção civilizadora do Exército Português no Ultramar – Conferências*, Porto, Exposição Colonial Portuguesa, 1934.

<sup>28</sup> Cf. *Congresso do Intercâmbio Comercial com as Colónias – Regulamento*, Porto, Imprensa Moderna, 1934; *Congresso do Intercâmbio Comercial com as Colónias – Teses e Conclusões*, Porto, Imprensa Moderna, 1934. O Primeiro Congresso de Agricultura Colonial realizou-se no Porto, em 1934, sob a coordenação científica e institucional do Instituto Superior de Agronomia e do Museu Agrícola Colonial, presidido por Carlos de Melo Geraldês, professor catedrático muito influente do Instituto, autor de inúmeros trabalhos científicos sobre a agricultura das colónias portuguesas. O congresso, que coincidiu com a preocupação internacional sobre o que “fazer com as colónias?”, realçou a existência de identidade científica colonial, assente nas questões agronómicas relativas à agricultura colonial, indo ao encontro de agendas internacionais europeias da época, tendo como palco a Exposição Colonial Francesa de 1931, em Paris. Cf. Madalena Esperança Pina e Maria de Fátima Nunes, “1906 e 1930 – Congressos Científicos na Imprensa: Análise Comparativa (working in progress)”, *op. cit.*

<sup>29</sup> Cf. *Congresso de Ensino Colonial na Metrópole – Programa e Regulamento*, Porto, Imprensa Moderna, 1934.

<sup>30</sup> Luísa Marroni “Portugal não é um país pequeno – Lição de colonialismo da Exposição Colonial do Porto de 1934”, *op. cit.*

Universidade do Porto e a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, enquanto organismos científicos, constituíram o caldo cultural para albergar académicos, cientistas em ação – exploradores científicos e viajantes – militares, administradores coloniais, médicos ultramarinos, académicos das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto ou, ainda, da longínqua Escola Médica de Goa, onde pontuava a figura tutelar de questões científicas coloniais desde o início do século XX – Indalêncio Froilano de Melo (1887-1955).

A partir da cidade do Porto, pretendeu criar-se um “centro científico” colonial, capaz de fazer acompanhar a agenda internacional sobre os povos colonizados. Uma força de pressão para introduzir, em Lisboa, capital do Império, a obrigatoriedade do ensino de Antropologia na Escola Superior Colonial (criada no longínquo ano de 1906), de forma a poder vir a viabilizar-se (no futuro) a criação de institutos de antropologia física e criminal nas províncias ultramarinas. Tudo devidamente inserido no orçamento do Ministério das Colónias, com verbas destinadas à realização de campanhas científicas *in situ*. Como Ricardo Roque afirma a “aspiração para esta mudança vinha de trás, e não se resumia a uma simples ambição metodológica. Acompanhava-se de um impulso para a constituição de um domínio científico autónomo, especificamente nacional, denominado antropologia colonial”<sup>31</sup>.

A Antropologia, a temática por excelência presente no Porto, foi a plataforma de convergência científica e ideológica da Exposição Colonial, da prática científica e académica do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e

<sup>31</sup> Ricardo Roque, “A Antropologia Colonial (c.1911 – 1950)”, in Diogo Ramada Curto (dir.), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p. 795 (sublinhado nosso). O ensino da Antropologia no Porto, remonta a 1911, à Faculdade de Ciências, com um Museu e um Laboratório Antropológico anexados. Na Universidade de Coimbra, foi instaurado em 1885 e cientificamente presente no X Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica (1880). Entre a Universidade de Coimbra e a do Porto estabelece-se o ensino da Antropologia, mas graças ao trabalho de investigação, de rede de projeção cultural e científica de Mendes Correia, que a Universidade do Porto passou a ser conotada, internacionalmente, com a produção científica de conhecimento colonial. O papel de António Augusto Esteves Mendes Correia, e a complexidade de eventos do Porto para 1934, são os sinais inequívocos de como construir identidade científica numa cidade universitária.

Etnologia, sob a égide científica do Antropólogo Mendes Correia (Barbosa, 2008), foi um marco importante para a comunidade científica nacional e internacional. Momento de viragem que resultou da conexão dos inúmeros eixos de disseminação científica que a temática colónias passou a ter, durante décadas, em Portugal, com um conjunto de instituições científicas e de comunidades científicas a enquadrarem o conhecimento da realidade colonial, tal como irá acontecer em 1935, com o XII Congresso Internacional de Zoologia, e em 1941, com o I Congresso de Ciências Naturais. Ambos tiveram lugar na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e no palco do Museu de História Natural<sup>32</sup>.

O complexo de acontecimentos científicos e culturais planeados para a cidade do Porto, em 1934, contou com um evento extra não planeado. A realização do III Congresso Internacional de História da Ciência, de fim de setembro a início de outubro, num périplo geográfico de Porto, Coimbra e Lisboa<sup>33</sup>. Este congresso teve a coordenação científica de Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra. Teve início no Porto, no dia 29 de setembro, mesmo a tempo de os congressistas poderem participar no Cortejo Colonial, amplamente fotografado pela imprensa diária da época<sup>34</sup>! Ou seja, a tempo de inserir os congressistas nacionais e, sobretudo, os internacionais, na grande montra colonial da Exposição Colonial do Palácio de Cristal do Porto.

António Mendes Correia – na qualidade de porta-voz do núcleo português da Academia Internacional de História das Ciências – promoveu a sessão de abertura na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto,

<sup>32</sup> Cf. Pablo Barbosa, “Saberes Antropológicos e Práticas Coloniais em Portugal entre 1933 e 1974”, in *História em Reflexão*, n.º 4, vol. 3, Dourados, Universidade Federal da Grande Dourados, 2008, p. 4.

<sup>33</sup> Cf. Maria de Fátima Nunes, “The History of Science in Portugal (1930-1940): The sphere of action of a scientific community”, in *e-Journal of Portuguese History*, vol. 2, number 2, pp. 1-17; *idem*, “Entre a JEN e o ISA: Um eixo colonial na política científica do Estado Novo?”, in (Augusto Fitas et al., (coord.), *A Junta de Educação Nacional e a Investigação Científica em Portugal no Período entre Guerras*. Lisboa: Ed. Caleidoscópio / CEHFCi, 2013, pp. 89-112.

<sup>34</sup> Cf. Augusto J. S. Fitas, A. E. Rodrigues e Maria de Fátima Nunes, *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX*, Lisboa, Ed. Caleidoscópio, 2008.

presidida por Pereira Salgado, reitor da Universidade, em representação do Ministro da Instrução Pública, Eusébio Tamagnini de Matos Encarnação, tendo como convidado de grande prestígio George Sarton, em representação da *Isis* e da Universidade de Cambridge e da Academia Internacional da História das Ciências. A sessão de abertura foi pautada por um banquete a que se seguiu um festival no recinto da Exposição Colonial, para que os congressistas estrangeiros criassem laços de entendimento científico e público com a temática das colónias portuguesas. As sessões de trabalho científico tiveram lugar na Universidade de Coimbra, entre os dias 2 e 4 de outubro, mediatizadas por vários programas de turismo científico e paisagístico<sup>35</sup>. Esta comitiva congressista de História da Ciência chegaria a Lisboa a 4 de outubro, de modo a poder participar nas celebrações oficiais da implantação da República de 1910, organizadas pela Câmara de Lisboa.

### A fechar...

Sob o lema de 3 *C's* – Ciência, Congressos, Colónias – viajámos no tempo para recuperar memórias de referência da I Grande Guerra, em contexto de cenário colonial, ainda que de forma indireta. Tivemos como objetivo elaborar um ensaio de experimentação em torno de práticas científicas e práticas políticas decorrentes da abordagem ao tema *congressos científicos*. E, o ano de 1934 foi um laboratório de experimentação, um ponto de chegada para um tempo internacional do século XX, ponto de partida para os últimos anos da década de trinta do mesmo século, em contexto de afirmação nacional/internacional do Estado Novo português.

<sup>35</sup> Cf. Maria de Fátima Nunes, “Augusto da Silva Carvalho (1861-1957): História de Ciência e Práticas Culturais no século XX”, *op. cit.* e A. A. Bispo, “Da História das Ciências como objeto de estudos culturais e dos *Science Studies*. Revendo o III Congresso da Academia Internacional de História das Ciências em Portugal (1934) e a participação do Brasil: Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos”, in *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, 130/10 (2011:2). [http://www.revista.brasil-europa.eu/130/Congresso\_Historia\_das\_Ciencias.html. Acesso em junho de 2014].

A I Exposição Colonial Portuguesa, que ocorreu no Porto no ano de 1934, congregou várias áreas de conhecimento viradas para a cultura e identidade colonial. Portugal utilizou este evento, de cariz nacional, como propaganda política do Estado Novo, através da presença de cientistas e artistas que souberam dar o enquadramento pretendido. Porém, o que importa aqui realçar é que os congressos científicos conseguiram ser instrumentos de construção de uma plataforma de trabalho que permite análises dinâmicas culturais, científicas, políticas e ideológicas. No laboratório de ensaio – 1934 – os vários congressos científicos refletem o pensamento colonial existente a nível nacional e internacional. No discurso inaugural, Mendes Correia aponta este conjunto de eventos (congressos científicos coloniais) como um reflexo inequívoco do pensamento científico europeu da época. E para encerrar esse ano de *vintage* da vida cultural e científica portuense, o III Congresso Internacional de História da Ciência foi a *cabeça de cartaz* para o encerramento ideal da Exposição Colonial portuguesa, com repercussões internacionais na Europa e na América Latina.

## AUTORES

Adília Fernandes  
Adriano Moreira  
Adriano Vasco Rodrigues  
Ana Leonor Pereira  
Aniceto Afonso  
Carina Thibieroz  
Carlos Branco  
Carlos Sambade  
César Urbino Rodrigues  
Fernando Carvalho  
Fina d'Armada  
François Escarras  
Guilhermina Mota  
João Rui Pita  
José Luís Lima Garcia  
José Morgado Pereira  
Joshua Benoliel Ruah  
Manuel Correia  
Maria de Fátima Nunes  
Maria Otilia Pereira Lage  
Norberto Ferreira da Cunha  
Odete Paiva  
Raul Berenguel  
Sandra Abelha